

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

MARIANA SAMPAIO MARIEAU

A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADIÇÃO MEXICA
O PASSADO PRÉ-HISPÂNICO E O PRESENTE COLONIAL NA
CRÔNICA DE FERNANDO ALVARADO TEZOZÓMOC NA VIRADA
PARA O SÉCULO XVII

CUIABÁ – MATO GROSSO
2022

MARIANA SAMPAIO MARIEAU

A construção de uma tradição mexicana
O passado pré-hispânico e o presente colonial na crônica de Fernando
Alvarado Tezozómoc na virada para o século XVII

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Professor Doutor Anderson Roberti dos Reis.

CUIABÁ – MATO GROSSO
2022

RESUMO

A *Crónica Mexicana* de Fernando Alvarado Tezozómoc, escrita em finais do século XVI, narra a saída dos mexicas de Aztlan - sua cidade de origem - e os séculos por eles percorridos até se assentarem em Tenochtitlán, assim como a formação da Tríplice Aliança entre as cidades de Tenochtitlán, Texcoco e Tlacopan e o desenvolvimento dos mexicas enquanto potência política e militar na região do Vale Central Mexicano e na Mesoamérica. O autor também aborda em sua crônica os primórdios da colonização espanhola no atual México. É importante situar o nosso leitor de que a *Crónica Mexicana* gira em torno de um personagem central, a elite e nobreza mexica e é desse lugar social que pertence Tezozómoc. Tendo isso em consideração, é válido ressaltar a desestruturação que as sociedades indígenas sofreram com o processo de colonização, essa desestruturação atingiu todos os aspectos da vida e do cotidiano desses povos, bem como suas formas de governo. Por isso, acreditamos que Tezozómoc ao narrar sua crônica enfatizando uma camada específica da sociedade e sendo ele mesmo pertencente a essa camada, e considerando as perdas de privilégios dos nobres indígenas ao longo dos anos que sucederam a ação colonizadora, faz isso com a intenção de legitimar o seu próprio lugar social diante desse cenário. O presente trabalho busca analisar como Tezozómoc em sua *Crónica Mexicana* construiu uma tradição mexica a partir de sua narrativa, observando em seu relato as marcas de seu presente que pudessem nos ajudar a refletir e responder a problemática proposta. A análise é feita a partir da noção de tradição empregada pelo antropólogo Gérard Lenclud (2013), onde a tradição parte e é moldada de acordo com as necessidades do presente. Para responder a problemática foram realizadas leituras e análises da crônica em conjunto com a reflexão teórica acerca do conceito de tradição mencionado, analisando a crônica e os trechos selecionados de forma específica em cada etapa do processo. A partir disso, é possível enxergar as marcas do presente do autor em sua narrativa e como ele faz uso disso para construir uma tradição que estivesse em conformidade com o seu lugar social e político na virada do século XVI para o XVII.

Palavras-Chave: *Crónica Mexicana*; Fernando Alvarado Tezozómoc; Tradição.

ABSTRACT

The *Crónica Mexicana* by Fernando Alvarado Tezozómoc, written at the end of the 16th century, narrates the departure of the mexicas from Aztlan - their city of origin - and the centuries they traveled until they settled in Tenochtitlán. The formation of the Triple Alliance between the cities of Tenochtitlán, Texcoco, and Tlacopan and the development of the Mexicas as a political and military power in the Central Valley region of Mexico and Mesoamerica. The author in his chronicle also addresses the beginnings of Spanish colonization in present-day Mexico. It is important to situate our reader that the *chronicle* revolves around a central character, the Mexican elite and nobility, and it is from this social place that Tezozómoc belongs. Bearing this in mind, it is worth noting the disruption that indigenous societies suffered with the colonization process, this disruption affected all aspects of these people's lives and daily lives, as well as their forms of government. Therefore, we believe that Tezozómoc, when narrating his chronicle emphasizing a specific layer of society and being himself belonging to that layer, and considering the loss of privileges of indigenous nobles over the years that followed the colonizing action, he does so with the intention of to legitimize their social place in this scenario. The present work seeks to analyze how Tezozómoc in his *Crónica Mexicana* builds a mexica tradition from his narrative, observing in his report the marks of his presence that could help us to reflect and respond to the proposed problem. The analysis is based on the notion of a tradition employed by the Anthropologist Gérard Lenclud (2013), where tradition starts and is shaped according to the needs of the present. To answer the problem, readings and analyzes of the chronicle were carried out together with the theoretical reflection about the mentioned concept of tradition, analyzing the chronicle and the selected excerpts specifically at each stage of the process. From this, it is possible to see the marks of the author's presence in his narrative and how he uses this to build a tradition that was by his social and political place at the turn of the 16th to the 17th century.

Keywords: *Crónica Mexicana*; Fernando Alvarado Tezozómoc; Tradition.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MESOAMÉRICA ANTES DE 1519.....	9
OS MEXICAS.....	12
A <i>CRÓNICA MEXICANA</i>: A FONTE E SUA FORTUNA HISTORIOGRÁFICA.....	20
RETOMANDO O PROBLEMA DE PESQUISA E A NOÇÃO DE TRADIÇÃO.....	25
A <i>CRÓNICA MEXICANA</i> E A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADIÇÃO.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se iniciou com a minha participação no grupo de pesquisa LAméricas: estudos e pesquisas em História da América Colonial, assim como no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O grupo de pesquisa é sediado no Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso e coordenado pelo professor doutor Anderson Roberti dos Reis. Foi nesse período que obtive contato com as temáticas acerca do México pré-hispânico e colonial, e assim iniciei também os meus estudos dentro desse campo investigativo. A pesquisa aqui apresentada tem por objetivo analisar a construção de um passado/ tradição a partir do presente do sujeito que a constrói, no meu caso, esse sujeito se chamava Fernando Alvarado Tezozómoc, e o meu objeto de análise é a construção da tradição mexicana na *Crónica Mexicana*, escrita por ele em 1598.

O século XVI foi marcado pela expansão colonial e o intenso processo de transformações, adaptações e ressignificações pelas quais as sociedades indígenas passaram. Com o povo mexicana não ocorreu de forma contrária, com a chegada dos espanhóis em seu território e com a introdução de novas práticas culturais, econômicas, políticas e religiosas em seu cotidiano houve uma desestruturação em todos os aspectos que compunham essa sociedade, inclusive dentro de sua elite. É importante notar que a *Crónica Mexicana* foi escrita menos de um século após o início do processo de colonização da coroa espanhola na região mesoamericana, e apesar do pouco tempo de domínio e de subjugação sobre os indígenas, sua presença já estava fortemente estabelecida nesta região e o número da população nativa havia decaído. Estima-se que a população nativa era de 25 milhões antes do primeiro contato com os europeus, em 1580 esse número era de apenas 1,9 milhões (WACHTEL, 1999). Esse intenso declínio demográfico se deu através do contato entre essas duas diferentes culturas, e como consequência dos conflitos ocorridos, das guerras por conquista de território, da exploração da mão de obra indígena, e principalmente devido às doenças epidêmicas trazidas pelos europeus que assolaram os indígenas do Novo Mundo.

Quando Hernán Cortés desembarcou na costa do golfo do México em 1519 e se aliou aos povos inimigos dos mexicanos, estes estavam havia menos de um século no poder e estavam no auge de suas conquistas, de sua expansão comercial e urbana, além de uma intensa atividade militar que permitiu também a expansão de seu território. Segundo o historiador Charles Gibson (1967, p. 09): “[...] *la conquista española tuvo lugar en una época en que los aztecas estaban utilizando todos los recursos disponibles, cuando la población del valle era más amplia que nunca [...]*”. É inquestionável o impacto que o processo de colonização teve na vida da

população indígena, conseqüentemente novas relações de poder surgiram ou se adaptaram às já existentes. Em menos de um século de exploração espanhola as estruturas de um antigo sistema foram alteradas e/ou ressignificadas. Essa nova forma de governo desestruturou toda a sociedade nativa mesoamericana e expôs os horrores da ação colonizadora. No entanto, na virada para o século XVII, encontramos um representante da elite indígena mexicana escrevendo uma crônica que exalta a história e a tradição do seu povo e do grupo social ao qual pertencia.

Fernando Alvarado Tezozómoc foi um nobre indígena, descendente direto do governante indígena Moteuczoma Xocoyotl. Ele nasceu por volta de 1525-1530 (GARIBAY KINTANA, 1971 apud COELHO, 2010, p. 90), ou seja, nos primórdios da colonização na Nova Espanha, e por isso pertenceu à primeira geração de indígenas mexicas que foram alfabetizados segundo os padrões ocidentais e cristãos. Apesar de seu pai ter sido governador de México-Tenochtitlán de 1539 até 1542, Tezozómoc se tornou um *nahuatlato*, um intérprete na Real Audiência de México, função esta não muito privilegiada diante do seu título de nobreza, era comum que os nobres adquirissem cargos no governo ou na administração colonial. Porém, por volta de 1598 ele escreveu a *Crónica Mexicana*, que narra a mítica origem dos povos mexicas, sua relação com o sagrado, sua ascensão e domínio sobre a região da Mesoamérica, e as sucessões hereditárias dentro do governo mexicana antes e após a chegada de Cortés.

É importante ressaltar que a *Crónica* destaca um grupo em específico dessa sociedade, a elite e a nobreza indígena. Há, no entanto, diversas crônicas e códices, pré-hispânicos ou coloniais, que tratam dessa temática e fazem uso desse tipo de discurso narrativo. A *Crónica Mexicana* segue essa estrutura, no entanto ela se distingue por ter sido escrita por um nobre indígena, criado dentro de uma tradição indígena, em meio a uma sociedade ainda em processo de colonização. Tezozómoc ocupava um determinado lugar social e usufruía dos privilégios e conhecimentos que possuía, para legitimação do poder político e social do grupo ao qual pertencia.

A partir do que já foi exposto e tendo conhecimento da posição social do autor, o que busco é analisar como ele em sua *Crónica Mexicana* narrou a história dos mexicas do período pré-hispânico ao colonial, de maneira a construir uma tradição em conformidade com sua posição social e política, relacionando sua narrativa ao seu lugar social na virada do século XVI para o XVII. Para isso, analisarei a fonte adotando a noção de tradição proposta pelo antropólogo Gérard Lenclud (2013). Ele propõe observar a tradição de forma contrária do que geralmente se faz, costuma-se olhar a tradição como uma linha reta e contínua, sempre partindo do passado em direção ao presente. Lenclud sugere, porém, observar a tradição do presente em

direção ao passado, pois para ele a maneira como uma tradição é narrada ou construída é feita de forma a justificar uma determinada situação do presente.

Para analisar e responder a problemática proposta foram utilizados dois tipos de materiais: a historiografia e a *Crónica Mexicana*. O método de análise consistiu em duas etapas. A primeira etapa correspondeu à historiografia, onde foi realizada uma investigação bibliográfica com o objetivo de encontrar e selecionar textos e documentos que me ajudassem a compreender o tema e a fonte, o contexto histórico do México pré-hispânico e colonial, a história dos mexicas e de sua elite no século XVI. Assim como a biografia de Tezozómoc e da nobreza indígena no mesmo período. Os livros, os artigos e as dissertações selecionadas e analisadas puderam ser encontradas em bibliotecas, acervos, arquivos e plataformas digitais. Posterior a isto, foram realizadas as leituras de cunho teórico, ou seja, da bibliografia que me possibilitou refletir teoricamente a respeito das noções de ordem, tradição e crônicas coloniais. A segunda e última etapa correspondeu efetivamente à fonte, trabalhei com ela adotando o procedimento de leituras sucessivas e cumulativas.

A fonte foi abordada a partir de três tipos de leituras diferentes, sendo elas: 1) leitura panorâmica, nesse momento procurei me atentar aos aspectos mais gerais da crônica, como o seu contexto e a forma como ela foi narrada e construída; 2) leitura específica acerca da noção de tradição, a partir dessa leitura comecei a separar os trechos da fonte por blocos para analisá-los de acordo com a perspectiva teórica da noção de tradição, me atentando nas marcações e nas mudanças do tempo verbal utilizado pelo autor, observando a proximidade da sua escrita com o seu tempo presente; 3) leitura em blocos de sentido, essa leitura foi essencial para que eu pudesse compreender o que o cronista buscava expressar em cada um desses blocos, o objetivo principal dessa etapa foi conseguir visualizar com mais clareza qual era a temática trabalhada pelo autor naquele momento. A crônica foi dividida em 13 blocos de sentido. O primeiro bloco, por exemplo, vai do item 01 ao 12, onde o autor faz uma introdução a respeito da narrativa da crônica “[...] *el relato e historia del origen y fundamento, de cómo empezó y principió la gran ciudad de México Tenochtitlan [...]*.” (TEZOZÓMOC, 1998, p. 04). Já o bloco 08 vai do item 96 ao 106 da crônica, como pode-se observar na citação abaixo, onde Tezozómoc inicia a narrativa acerca da fundação de México-Tenochtitlán:

Ya se dijo que en el año 2-casa, "1325 años", a los mil trescientos y veinticinco años de que naciera Jesucristo, nuestro Salvador, fué cuando **entraron, llegaron y se asentaron, dentro del tular, y el carrizal, adentro del agua, en Tenochtitlan**, los ancianos mexicanos aztecas chichimecas [...] fué cuando **entraron y se establecieron definitivamente en Tenochtitlan [...]**. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 69, grifo nosso).

A seguir, poderemos compreender melhor a história dos mexicas, o processo de desestruturação social pelo qual passaram com a chegada dos europeus e com a introdução de novas práticas culturais e sociais. Também conheceremos um pouco mais sobre o autor Fernando Alvarado Tezozómoc e a sua obra. Assim como irei elucidar de forma mais ampla o conceito de tradição aqui proposto.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MESOAMÉRICA ANTES DE 1519

Algumas das mais antigas civilizações pré-colombianas se desenvolveram na Mesoamérica, região que compreende cerca de 96.000 km², e que se localiza entre a América do Norte e a América do Sul, nas regiões do centro de Honduras, noroeste da Costa Rica, México, Belize, Guatemala, Nicarágua e El Salvador. O etnólogo, filósofo e antropólogo alemão Paul Kirchhoff foi quem, em 1943, desenvolveu o termo *Mesoamérica*. De acordo com o historiador Eduardo Natalino dos Santos:

Kirchhoff definiu um conjunto de características que eram compartilhadas por diversos povos que habitavam partes do México e da América Central, ou seja, apesar de uma série de particularidades locais que distinguiam, por exemplo, os maias dos zapotecos, Kirchhoff percebeu que ambos compartilhavam de características culturais fundamentais, que os ligavam a uma grande família cultural e histórica. (SANTOS, 2002, p. 40).

Essas características fundamentais podem ser encontradas igualmente em diversas áreas da vida dessas sociedades, como em um modelo específico de uma ferramenta utilizada para o plantio, nas espécies alimentares cultivadas, nos sacrifícios humanos com objetivos religiosos e na arquitetura das pirâmides. Citarei aqui algumas dessas sociedades que foram essenciais para a formação social e cultural dos povos mexicas.

Tudo começou com o desenvolvimento da agricultura, estudos demonstram que o início daquilo que mais tarde viria a ser a agricultura dos povos primitivos, ocorreu por volta de 5000 a. C. Os primeiros alimentos a serem cultivados pelos caçadores-coletores desse período foram a abóbora, o feijão, a pimenta malagueta e o milho, de acordo com as descobertas realizadas em cavernas na serra de Tamaulipas e em Cozatlán, no estado de Puebla, no México. Esse simples processo foi suficiente para modificar a organização e o modo de vida dos povos que viviam nessa região e é com o desenvolvimento da agricultura que se iniciou uma unidade cultural entre as civilizações mesoamericanas. O início da produção de cerâmica em 2300 a. C., foi outro fator que contribuiu para a fixação desses povos em uma única região. Tanto no

México central, como no meridional e na América central começou-se o surgimento de aldeias formadas por agricultores e artesãos de cerâmica.

De acordo com a arqueologia, os *olmecas* viviam próximo ao golfo do México e ao sul de Veracruz, a aproximadamente 1300 a. C. Esse grupo foi responsável por iniciar um período de grandes transformações. Em *La Venta*, considerado o maior centro olmeca, foram encontradas esculturas de pedra com até 3 metros de altura, e da mesma forma como em outras regiões olmecas se iniciou um proto-urbanismo, modificando essa sociedade também em seus aspectos religiosos, políticos e socioeconômicos. Em outros centros olmecas como em San Lorenzo, Tres Zapotes e na laguna de Los Cerros também foi possível encontrar achados arqueológicos que demonstram as criações artísticas e culturais desse povo, como colares, máscaras de jaguares, objetos de jade e de quartzo talhado. Outros vestígios afirmam que eles praticavam cerimônias fúnebres e cultuavam aos mortos, assim como provavelmente foram eles quem criaram o calendário e inventaram a escrita na região mesoamericana. Segundo o antropólogo e historiador mexicano Miguel León-Portilla:

A influência olmeca - provavelmente através do comércio e talvez também de uma espécie de empenho religioso “missionário” - aparece manifesta em muitos sítios arqueológicos da região próxima ao golfo do México e no Planalto Central, em Oaxaca, na terra dos maias e no oeste do México (Guerrero e Michoacán). Aqui estavam os antecedentes do Período Clássico da Mesoamérica. (LEÓN-PORTILLA, 2004, p. 29).

O Período Clássico da história mesoamericana, vai de 200 a.C. a 800 d.C. A cidade de Teotihuacán, ou a “Cidade dos deuses” foi uma das maiores, senão a maior cidade desse período. De acordo com Santos, ela foi:

[...] certamente um dos maiores centros urbanos da região, e também teve seu lugar garantido na tradição oral e nos códices em forma de anais [...] A grandiosidade dessa cidade também é atestada pelos trabalhos arqueológicos ou mesmo por quem a visita e se impressiona pela monumentalidade de suas construções e de suas amplas avenidas e praças [...]. (SANTOS, 2002, p. 54).

Teotihuacán surgiu como parte do processo de expansão olmeca em conjunto com o crescimento dos povos que habitavam a região do Altiplano Central Mexicano. A cidade levou vários séculos para se formar e se desenvolver como a conhecem, nos sítios arqueológicos foram descobertas além de suas pirâmides e do Templo de Quetzalcóatl, escolas, palácios e diversas construções. Havia bairros residenciais que ficavam em torno do centro administrativo e religioso, as ruas eram pavimentadas, além de existir um eficiente sistema de drenagem. Seus deuses, serpentes, pássaros exuberantes e jaguares eram representados através de pinturas murais que decoravam as pirâmides, os templos e as casas dos governantes, além de outras construções.

Entre os séculos V e VI d. C., momento de apogeu da cidade de Teotihuacán, ela se expandia por um território de mais de 20 km², e contava com uma população de cerca de 50 mil habitantes, segundo León-Portilla (2004). No entanto, esse número não é exato, pois na obra de Santos (2002), o historiador estima uma população de 120.000 a 150.000 habitantes para o mesmo período. De qualquer forma, ela pode ser considerada uma das maiores cidades americanas deste período, possuía grandes centros comerciais e cerimoniais oferecidos aos seus deuses. Foi também no auge desse período que os teotihuacanos desenvolveram o calendário, os números, a escrita, a astronomia e a medicina. Através de vestígios arqueológicos percebe-se a influência cultural que Teotihuacán exerceu sobre as regiões de Oaxaca, Chiapas e também nas regiões montanhosas da Guatemala. Acredita-se que os governantes falavam o *nahuatl*, uma antiga variação do náuatle, idioma que mais tarde viria a ser a língua franca dos povos mexicas.

Já no período que compreende o Pós-Clássico, séculos X a XVI na região mesoamericana, destacaram-se os toltecas, povo de língua náuatle, migrantes das paragens ao norte da região que se deslocaram devido ao declínio de Teotihuacán durante o século VII. Os toltecas migraram em direção ao sul, assim como vários povos denominados de chichimecas. Porém, antes dos toltecas se fixarem no Altiplano central, durante o século IX eles já haviam tido contato com alguns povos das regiões de Xochicalco, Teotihuacán e Cacaxtla e a partir disso acabaram por assimilar alguns elementos da cultura mesoamericana do México central e da região maia. Tula, a cidade onde os toltecas enfim se estabeleceram, se localizava a 80 km ao norte da atual Cidade do México.

É impossível falar sobre os toltecas sem citar Quetzalcóatl, ele era, segundo León-Portilla (2004, p. 34): “[...] uma espécie de herói cultural, que tirou seu nome de um deus (a Serpente Emplumada) cultuado desde os dias de Teotihuacán. Numerosos textos e livros nativos escritos em náuatle falam de seu nascimento, vida e feitos prodigiosos.” Ainda de acordo com a história, Quetzalcóatl foi escolhido pelos toltecas para ser o seu governante e sacerdote. Templos e palácios foram edificadas para ele em várias cidades e por vários povos, que aceitaram sua dominação. Seu governo, por volta do século X, propiciou também a construção e os costumes das casas de jejuns e cultos, os auto-sacrifícios, as artes e os ofícios em geral. Diante das grandes realizações e do alcance social e cultural dentro da região que compreendia Teotihuacán durante o período sob domínio de Quetzalcóatl, o historiador Santos (2004) questiona se o mesmo teria sido um deus ou um governante, para ele, o "herói" do povo tolteca teria sido as duas coisas.

Assim como outros povos mesoamericanos absorveram parte das culturas já existentes na região, isso também aconteceu com os toltecas que foram influenciados culturalmente por

aqueles que os antecederam. Esses vestígios podem ser encontrados em seu aspecto urbano, no conhecimento que possuíam sobre os astros, no calendário que utilizavam, na escrita pictográfica, e na forma de enxergar o mundo. Os toltecas não foram apenas influenciados, eles também foram influenciadores, seu alcance cultural chegou até os povos de regiões distantes como os mixtecas de Oaxaca e os maias de Yucatán e da Guatemala. A queda de Tula data aproximadamente do ano de 1168, apesar de não se ter certeza do que teria acarretado isso, relatos em anais demonstram que o fim de Tula se deu provavelmente por discórdias e guerras entre Quetzalcóatl e o seu inimigo Tezcatlipoca. No entanto, a dispersão dos toltecas e o abandono da cidade possibilitou a entrada de povos vindos do norte da Mesoamérica, os primeiros a adentrar no antigo território tolteca foram os chichimecas (SANTOS, 2002, p. 68).

OS MEXICAS

No final do século XIII, como resultado da fusão entre os toltecas dispersos e os novos povos que habitavam o México central, tem-se nesse período o surgimento de novas confederações, além de uma espécie de retorno dos povoamentos de origem tolteca e teotihuacana. Esse era o cenário quando um grupo de povos setentrionais, falantes do náuatle, penetraram no Vale do México. Os chamados astecas ou mexicas, após anos de subjugação, guerras, conflitos e alianças, conseguiram no ano de 1428 se fixarem como senhores da ilha de Tenochtitlán no Vale Central Mexicano. Após esse processo os mexicas passaram a se afirmar como herdeiros e detentores da cultura mesoamericana deixada pelos toltecas.

É importante ressaltar que nos últimos sessenta anos que antecedeu o contato dos mexicas com os europeus - momento esse considerado o apogeu dessa sociedade - houve, segundo alguns pesquisadores, o forjamento e a reelaboração das narrativas históricas sobre suas origens, sua evolução e identidade. Para se ter uma ideia, em 1430, o governante mexica Itzcoatl mandou que os livros antigos, inclusive os de teor religioso, e os anais fossem queimados. Uma nova tradição foi criada e difundida como a verdadeira história da origem do povo mexica, que coincidentemente “[...] transmitia uma imagem do passado adequada às exigências e ideais do grupo cuja dominação estava em processo de rápida expansão.” (LÉON-PORTILLA, 2004, p. 37).

Essas narrativas são as principais fontes de estudo da história mexica, elas podem ser encontradas em seus próprios relatos, descritos em códices, como por exemplo no *Códice Boturini*, e no *Vaticano*. Assim como nas crônicas indígenas de Ixtlilxochitl, Tezozómoc e Chimalpahin Quauhtlehuanitzin, e nas crônicas dos missionários espanhóis do século XVI,

como as de Bernardino de Sahagún e de Diego Durán. Essas fontes são essenciais não somente para quem estuda a origem e a história do povo mexica, mas também para qualquer um que deseja compreender esse período da história mesoamericana. A partir do que já foi exposto, e tendo em mente o contexto histórico que possibilitou o surgimento dos mexicas, suas influências e intenções, poderemos ver a seguir, como eles reescreveram a sua história e quais são as principais características desse povo.

De acordo com a história sobre a origem do povo mexica, eles viviam em Aztlan e iniciaram o processo de migração impulsionados pelas promessas feitas pelo sacerdote Huitzilopochtli. Em Aztlan eles eram subordinados aos *tlatoque* (governantes) e aos *pipiltin* (nobres), sendo os mexicas *macehualtin* (plebeus). Eles eram obrigados a trabalhar e pagar tributos ao grupo dominante. Com a esperança da revelação dada por seu deus Tetzahuitl Teotl através do sacerdote Huitzilopochtli com a promessa de que havia um lugar escolhido para eles, onde seriam *pipiltin* e *tlatoque* e não mais *macehualtin* e que estes pagariam tributos a eles, e diante da situação de subordinação em que viviam, os mexicas partiram de Aztlan, no ano de 1069 d.C., rumo à terra prometida.

Os mexicas provavelmente descendem dos toltecas-chichimecas, uma vez que não se sabe ao certo a sua origem e a verdadeira localização de Aztlan. Segundo o historiador João Luiz Fukunaga (2008, p. 68):

Uma das hipóteses que explicaria a omissão de maiores detalhes a respeito do período anterior à migração seria o fato dos espanhóis não terem acreditado nas histórias contadas pelos indígenas. Eles acreditavam na realidade factual das migrações [...] Também pode se pensar que houvesse pouco interesse por parte dos indígenas de dar maiores explicações, preferindo apenas resumir que vinham de terras estranhas nas quais tinham morado seus ancestrais, sem no entanto demonstrar familiaridade com tal localidade [...].

Na própria *Crónica* aqui analisada não há detalhes acerca da localização de Aztlan, assim como em várias outras fontes que se dedicam ao estudo da história mexica. No século XVI, os espanhóis a situaram na região sul dos atuais Estados Unidos. Já no século XVII, a lendária cidade foi procurada na península da Baixa Califórnia, e atualmente há pesquisadores que a localizaram nos Estados mexicanos de Nayarit, Guanajuato, Sonora e San Luis Potosí e até nos Estados estadunidenses de Washington, Califórnia e Wisconsin (SANTOS, 2002, p. 71). Em sua obra, Soustelle (2004, p. 09) afirma que Aztlan era um: “[...] país situado a noroeste do México ou ao sul dos atuais Estados Unidos”.

Durante 200 anos, os mexicas permaneceram em um processo de peregrinação, vivendo da caça e da coleta, até que em 1325 se fixaram na ilha de Tenochtitlán que estava sob domínio

dos tecpanecas de Azcapotzalco e de Colhuacan. Aos poucos os mexicas foram adotando os modos culturais dos povos agrícolas que habitavam o Anáhuac, saindo da condição de nômades para uma totalmente sedentária (COELHO, 2010, p. 92). Sujeitos a esses povos, os mexicas continuaram subjugados. De acordo com as narrativas, Tenochtitlán:

[...] teria sido escolhida para findar as migrações por coincidir com os símbolos indicados por Huitzilopochtli - a águia sobre o nopal que crescia sobre uma pedra - e por ser parecida com o lugar de origem - uma porção de terra em meio a um lago. (SANTOS, 2002, p. 75).

Ainda nesse período os mexicas não era uma sociedade totalmente dividida hierarquicamente, em sua maioria eles eram guerreiros, caçadores e pescadores. A única autoridade reconhecida era a dos sacerdotes. No entanto, no início do século XIV, os mexicas sofreram forte influência política e cultural de seus vizinhos. A rápida assimilação cultural, social, linguística e agrícola os impulsionou ao sedentarismo. Nessa época, a região do Planalto Central estava dividida entre 28 etnias, como os povos de Colhuacán, Texcoco, Azcapotzalco, Xaltocán, e etc. Essa influência aos poucos foi alterando as características sociais, culturais e sociais primitivas dos povos mexicas. Com o passar do tempo eles começaram a se reconhecer através de seus estratos sociais, sendo dirigidos por uma organização política forte e centralizada.

Sua nobreza foi formada muito antes de se tornarem uma poderosa organização política. Foi Acamapichtli, primeiro governante mexica, descendente dos toltecas-culhuacanos e também dos mexicas que iniciou essa linhagem. A data de 1430 marca a vitória dos mexicas em conjunto com os seus aliados de Texcoco sobre os tecpanecas, em decorrência da guerra iniciada entre eles em 1426 após a morte de Chimalpopoca (1415-1426). Este havia sido o segundo *tlatoani* mexica, que provavelmente fora assassinado pelos tecpanecas. Essa vitória deu aos mexicas total independência de qualquer grupo indígena e os impulsionou a realizar suas conquistas. Os vitoriosos tomaram como aliada a cidade de Tlacopan, que pertencia à comunidade de Azcapotzalco, formando assim, a Tríplice Aliança (COELHO, 2010, p. 24).

Essa vitória foi o pontapé inicial das inúmeras conquistas que os mexicas viriam a obter. Cada *tlatoani* (governante) mexica teve um papel fundamental na formação, consolidação e manutenção do chamado “Império” Mexica. Como demonstrado a seguir:

Itzcoatl (1426-1440), ajudado por seu sagaz conselheiro Tlacaelel, deu início a uma era de mudanças e conquistas. Moteuczoma Ilhuicamina, “O Velho” (1440-1469), consolidou o poder e a reputação do povo de Huitzilopochtli. Sob o governo de Axayacatl (1469-1481), de Tizoc (1481-1485), de Ahuitzotl

(1486-1502) e de Moteuczoma II (1502-1520), o domínio asteca estendeu-se ainda mais. (LEÓN-PORTILLA, 2004, p. 40).

Os mexicas tinham um sistema de organização política e social muito bem estabelecido e o papel de cada grupo muito bem definido. Os *macehualtin* habitavam os *calpulli* (unidades territoriais) e estavam interligados entre si por relações de parentesco. A posição social desse grupo era muito diferente da dos *pipiltin* (nobres), que eram os únicos que podiam ter a posse privada da terra. Os *macehualtin* podiam vender a si mesmos ou a seus familiares em tempos difíceis, tornando-se um servo particular (*tlatlacotin*), situação que poderia ser revertida e não era passada aos seus descendentes. Nem todos os *macehualtin* que viviam nos *calpulli* cultivavam a terra, existiam outras formas de produção a que se dedicavam, e cada *calpulli* era dirigido por uma autoridade local, além de ser responsável por fornecer a maior parte dos guerreiros. Segundo o etnólogo Jacques Soustelle:

[...] cada *calpulli* possuía seu templo e sua "casa dos jovens", colégio de vocação sobretudo militar. As residências dos nobres, cujo luxo se aproximava tanto quanto possível dos palácios imperiais, as casas mais modestas dos negociantes e dos artesãos e as casas dos simples cidadãos situavam-se ao longo das ruas e canais. Por toda parte, a água do lago murmurava por entre as casas, e as canoas deslizavam silenciosamente pela cidade. Todos os transportes eram feitos por meio de embarcações. (SOUSTELLE, 2002, p. 46).

O *huey tlatoani* (governante supremo) pertencia ao grupo dominante e ele era escolhido por meio de votação dentro de um distinto grupo, os *tlazo-pipiltin* (nobres ilustres), estes eram os descendentes dos primeiros governantes. Os *pipiltin* estavam ligados ao grupo dominante, mas não como descendentes diretos. Os *cuauh-pipiltin* (nobres águias), acabavam se vinculando aos nobres por se destacarem principalmente em combate, o que demonstra uma possibilidade de ascensão social. Os filhos daqueles que trabalhavam em prestigiosos cargos administrativos eram chamados de *tequihuaque* (fidalgos), e os *teteuctin* (senhores) podiam ser tanto *pipiltin* quanto algum membro importante de um *calpulli*. O *huey tlatoani* tinha poder absoluto, era ele o comandante do exército guerreiro, juiz supremo e autoridade religiosa. De acordo com o historiador norte-americano James Lockhart:

Los españoles del siglo XVI encontraron en el centro de México una sociedad notablemente parecida a la suya. Tanto el sistema español como el indígena dividían a toda la población en dos categorías hereditarias de nobles y de plebeyos. [...] Ambas sociedades reconocían diferentes rangos de nobleza y concedían títulos especiales a los jefes de las casas nobles y a los señores de los dominios [...]. (LOCKHART, 1999, p. 140).

Na sociedade mexica havia uma outra importante categoria de membros, os *pochtecas* ou comerciantes, eram os responsáveis pela manutenção do grande comércio mexica em toda a região mesoamericana. Principalmente com a venda de objetos de cobre ou obsidiana, peles de

coelho, ervas medicinais, tecidos, roupas bordadas e joias (SOUSTELLE, 2002, p. 28). Ao retornarem para o território mexica, traziam consigo jade, âmbar, peles de jaguar, pedras e plumas preciosas. Os *pochtecas* operavam nas cidades de Tenochtitlán, Tlatelolco, Texcoco, Azcapotzalco e dentre muitas outras, penetravam até mesmo nas regiões não dominadas pelos mexicas.

Para o historiador Eduardo Natalino dos Santos (2002, p. 77): o “[...] poder da Tríplice Aliança girava em torno dos tributos, das guarnições comerciais e militares, da sobreposição de deuses, das redes de alianças matrimoniais e dos laços de parentesco disseminados por todos seus domínios”. Os mexicas possuíam uma vasta área de expansão e domínio sobre os povos da região mesoamericana. No fim do governo de Moteuczoma Xocoyotl e nos anos iniciais da chegada dos espanhóis na região, os mexicas recolhiam tributos de trinta e oito províncias que iam desde Oaxaca até Xoconochco, e de Tochpan até Tochtepec no Atlântico. Chegaram a atingir Cihuatlan no Pacífico, alcançando os chichimecas ao norte, e os huastecas no nordeste.

Os mexicas são, em geral, reconhecidos não apenas por terem sido uma incrível potência militar, mas também por terem sido exímios arquitetos, outra característica marcante desse povo. Além de terem difundido o náuatle como a língua franca da Mesoamérica, sendo ele um idioma rico e flexível, “[...] igualmente apto a registrar com precisão os acontecimentos e a denotar idéias abstratas ou construir longos discursos sentenciosos, muito apreciados pelos mexicanos”. (SOUSTELLE, 2002, p. 90). Tenochtitlán, a capital asteca, foi sede das grandes construções por eles realizadas. Como por exemplo, a construção de diques e aquedutos, que facilitou a separação da água salgada da doce e possibilitou a irrigação das plantações e o abastecimento da cidade. A criação das chinampas permitiu o plantio numa área lacustre, além da construção de pirâmides e a edificação e restauração dos templos sagrados. Tenochtitlán, para os padrões atuais poderia ser considerada uma cidade “urbanizada”, possuía uma organização administrativa e fazia parte de uma ampla rota comercial, com mercados locais, fabricação de produtos manufaturados (artesanatos), e ainda contava com um sistema de ensino que oferecia educação escolar gratuita.

Tenochtitlán, ampliada em 1476 pela anexação de Tlatelolco, estendia-se então por um milhar de hectares de ilhas e terras pantanosas, que dois séculos de labuta gigantesca haviam transformado em uma rede geométrica de canais, ruas e praças, verdadeira Veneza ligada às margens por três passagens elevadas: Tepeyacac, ao norte, Tlacopan, a oeste, e Iztapalapan, ao sul. A cidade abrigava de 80 mil a 100 mil domicílios, ou seja, um total de mais de 500 mil habitantes. (SOUSTELLE, 2002, p. 45).

É necessário ressaltar a importância que o sagrado tinha para essa sociedade e como ele estava intrínseco em todos os seus aspectos. Para essa cultura, a ordem e a obediência dos soberanos ao mundo sagrado mantinha a ordem no mundo material, e essa era uma das maiores preocupações do grupo dominante. O fortalecimento militar e a manutenção da guerra não tinham como objetivo apenas a expansão de seus domínios, mas também a obtenção de cativos a serem oferecidos em sacrifícios aos deuses.

Assim se apresentava o Império Asteca na época da invasão espanhola: um mosaico de pequenos estados muito diversificados quanto a línguas e etnias, amplamente autônomos, porém avassalados pelo poderio militar de uma confederação tricéfala, ela própria dominada pelo México. (SOUSTELLE, 2002, p. 28).

Quando Hernán Cortés chegou à costa do golfo do México em 1519 e se aliou aos Totonacas e Tlaxcaltecas, povos inimigos dos mexicas, estes estavam havia menos de um século no poder e estavam no auge de suas conquistas, com uma intensa atividade militar, a expansão do comércio e do urbanismo. O historiador Charles Gibson (1967), estima que no século XVI o Vale do México contava com uma população que variava entre um e três milhões de habitantes, chegando a aproximadamente 70 mil no século XVII e tendo um aumento de aproximadamente 275 mil no fim do período colonial. De acordo com o historiador José Luis de Aranda Romero (2005), até 1570 havia uma população de 3.500.000 indígenas no México e essa população em toda a América em meados do século XVII girava em torno de 10.035.000 indígenas.

O declínio populacional indígena foi causado pelo sistema de exploração da mão de obra nativa usada nas construções, nas minas, na agricultura e até mesmo nos serviços domésticos. Porém, a maior causa de mortalidade se deu através das epidemias que assolaram o continente americano com a chegada dos europeus, doenças como a peste, a varíola, o sarampo e a febre amarela. É inquestionável o impacto que esse processo teve na vida da população indígena, aqueles que sobreviveram às consequências da ação colonizadora teve todo o seu modo de vida alterado, desestruturando e/ou ressignificado.

Consequentemente novas relações de poder surgiram ou se adaptaram às já existentes. Houve a diminuição da autoridade indígena, mas não a exclusão. Segundo o historiador Ronald Raminelli (2009, p. 83):

As alianças entre os castelhanos e os chefes indígenas renderam aos primeiros, vitórias e aos segundos, a preservação de seus domínios. Para viabilizar a administração da Nova Espanha, a Coroa reconheceu os valores aristocráticos e o governo hereditário indígenas [...].

Um exemplo claro dessa situação foi a introdução do governo indígena nos cargos municipais e nas instituições coloniais, como os *cabildos* ou o conselho municipal. O *cabildo* era um distrito político independente de cada *pueblo*, ele era constituído por alcaides e regedores espanhóis. No entanto, durante o século XVI, era muito comum esses cargos serem ocupados por indígenas, principalmente os que pertenciam à nobreza. Os nobres indígenas, ou melhor, os *tlatoque*, logo no início da colonização ocuparam o cargo de *gobernador ou juez gobernador*, era ele “*La figura indígena que presidia cada cabecera [...]*.” (GIBSON, 1967, p. 169). As comunidades indígenas se dirigiam a eles por seu título em náuatle (*gobernatoryotl*), título que também foi reconhecido pelos espanhóis.

Segundo Gibson (1967), as décadas de 1550 e 1560 foram o período de maior prestígio e confiança nos governos indígenas. No entanto, no século seguinte essa situação se alterou e o governo indígena pouco a pouco foi perdendo sua autoridade, enquanto a do governo espanhol aumentava. Aos governantes indígenas foi delegada a função de apenas arrecadar tributos e determinar pequenos castigos. Raminelli (2009) afirma que pouco a pouco as elites indígenas foram perdendo suas posses, seu domínio, suas rendas e se tornando subordinados, até se igualarem aos *maceguals*.

Assim como novas estruturas de poder surgiram ou foram reinterpretadas, também novos espaços e novos modelos de governos emergiram no decorrer deste processo. Os nomes *pueblos*, *cabecera*, *barrios* ou *sujetos* foram introduzidos pelos espanhóis, mas esses espaços foram adaptados ao modelo indígena já existente. Os *pueblos* eram centros de povoação de médio ou grande porte, os *barrios* eram subdivisões dos *pueblos* indígenas, enquanto os *sujetos* eram o antigo *calpulli* indígena. Estes estavam subordinados a *cabecera*, que por sua vez era o povoado principal e estava sob a jurisdição do *tlatoani*.

Uma importante instituição desse período foi a *encomienda*, ela era uma instituição privada, cujo sistema era baseado na exploração indígena. De acordo com Aranda (2005, p. 23): “*La encomienda se había transformado, pues, en un medio de recaudación en beneficio de particulares o de la corona*”. Sendo assim, os colonizadores espanhóis, os chamados *encomenderos*, recebiam grupos de indígenas para trabalhar e pagar tributos a eles. Em 1523, a *encomienda* já era uma instituição fortemente estabelecida no Vale do México, principalmente por ter sido uma das primeiras a ser instituída.

A religião, como sempre, teve papel fundamental em todo o processo de colonização, a propagação da fé cristã foi usada como justificativa para a expansão deste regime. Em 1524, chegaram no México os franciscanos, estes pertenciam a um movimento de reforma liderado pelo cardeal Jiménez de Cisneros. Os primeiros que vieram da Espanha fundaram escolas e

alfabetizaram os indígenas, transmitindo também os princípios hispânicos e a moral cristã. Os centros de educação nesse primeiro momento não eram seminários em si, funcionavam mais como “*instituciones para el entrenamiento cristiano de jóvenes indígenas de la clase alta que después ocuparían altos puestos en su propia sociedad.*” (GIBSON, 1967, p. 102).

Havia, no México colonial, duas poderosas oposições religiosas. Os frades mendicantes regulares eram constituídos pelos franciscanos, dominicanos e agostinhos, estes ficaram responsáveis pelos poderes sacramentais e paroquiais. O outro era o clero secular, ou seja, clérigos da hierarquia episcopal que tinham os frades mendicantes como intrusos. Os franciscanos se estabeleceram nos principais *pueblos* indígenas (Tenochtitlán, Tlatelolco, Texcoco, Tlamanalco e Xochimilco). Já os dominicanos foram para as comunidades da província de Chalco e para Coyoacan e Tacubaya, pertencendo estas duas últimas às vilas do Marquesado.

[...] hay que pensar en los franciscanos para el primer ímpetu y motivación y el carácter que todo el movimiento empezó a tomar. La mayoría de las asignaciones eclesiásticas a largo plazo descansaban en la prioridad o concesión franciscana. Los principales centros dominicos y augustinos, incluyendo Alcoman, Amecameca, Coatepec, Coyoacan y Cuitlahuac, así como las sedes del clero secular en la parte norte del valle fueron de las primeras locaciones franciscanas. En general puede decirse que la dirigencia franciscana y los precedentes franciscanos dominaron la empresa misionera. (GIBSON, 1967, p. 101-102).

Apesar de todo o esforço das ordens religiosas para batizar, converter, alfabetizar e doutrinar os povos indígenas, e de até mesmo terem conseguido eliminar alguns elementos da cultura pré-hispânica, como os templos pagãos, o sacrifício humano e o sacerdócio da classe asteca, outros elementos como a idolatria, a superstição e o politeísmo permaneceram. Assim como o sistema de *encomienda*, a igreja também usufruiu do trabalho através da mão de obra indígena, principalmente nas construções de igrejas.

O processo de colonização espanhola sobre os nativos mesoamericanos foi um processo complexo, onde em menos de um século as estruturas de um antigo sistema foram alteradas, que apesar de estar recente no poder já tinha seus costumes, sua política, economia, sua relação com o sagrado e o seu modo de ser e viver fortemente estabelecidos. Como já dito, houve a reinterpretação, adaptação e aculturação das novas práticas introduzidas pelos espanhóis, os indígenas apesar de aceitarem certos aspectos da cultura espanhola e da crença cristã, não abandonaram todos os aspectos da sua cultura.

A resistência era constante, o conflito existia e persistia ao não aceitarem as formas abusivas de trabalho, ao fugirem, ao solicitarem uma audiência, ao irem às colinas para cultuar suas divindades. Segundo Menegus (2006, p. 11): “*El siglo XVI es un periodo de transición en*

donde se transforman lentamente las estructuras indígenas prehispánicas y se introducen las instituciones de gobierno española.” Essa nova forma de governo desestruturou toda a sociedade indígena mesoamericana e expôs os horrores da ação colonizadora.

A CRÓNICA MEXICANA: A FONTE E SUA FORTUNA HISTORIOGRÁFICA

Apesar das poucas informações a que tivemos acesso sobre o Fernando Alvarado Tezozómoc, o que se pode afirmar é que ele foi um nobre indígena descendente direto de Moteuczoma Xocoyotl, e provavelmente fez parte da última geração da elite mexicana.

[...] acredito que o mesmo pertenceu à última geração de descendência direta – social e cultural – da elite mexicana dos tempos pré-colombianos, ao igual que os primeiros alunos que se formaram nos colégios ligados às ordens religiosas e os primeiros informantes. Foram esses indígenas que construíram toda uma rede de relações de inserção social no período da pós-conquista, que permitiu a aproximação e resultou em uma série de transformações nas duas culturas. (FUKUNAGA, 2008, p. 42).

Seus pais foram Dona Francisca de Montezuma e Don Diego Alvarado Huanitzin. Tezozómoc nasceu aproximadamente entre os anos de 1525 e 1530 (GARIBAY KINTANA, 1971 apud COELHO, 2010, p. 90). Seu pai foi governador de México-Tenochtitlán de 1539 até 1542 (ano de sua morte), e Tezozómoc assumiu a função de intérprete (*nahuatlato*) na Real Audiência de México.

Tezozómoc nasceu nos primórdios da colonização na Nova Espanha, e por isso pertenceu à primeira geração de mexicanos que foram alfabetizados segundo os padrões ocidentais e cristãos. Provavelmente durante sua infância ele foi educado em casa por seus familiares, seguindo o modelo tradicional de educação indígena. Mais tarde teria estudado no Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, sendo esta uma instituição franciscana fundada em 1536, com o objetivo de educar e formar os filhos dos nobres indígenas. Tezozómoc teria aproximadamente 78 anos em 1598, data de escrita da *Crónica*.

Há, no entanto, um debate acerca do verdadeiro ano de escrita e publicação da crônica, tendo em vista que há poucas informações a respeito da mesma. O que se pode afirmar é que ela foi produzida durante o século XVI. A data de 1598 é então atribuída como sendo o ano de escrita da crônica devido às poucas referências temporais sobre ela, que geralmente aparecem em relatos do século XVI.

Além da *Crónica Mexicana*, Tezozómoc também é o autor da *Crónica Mexicáyotl*, escrita provavelmente em 1609. A primeira foi escrita em castelhano e a segunda foi escrita no idioma nativo dos mexicas, o náuatle. Segundo o historiador mexicano Federico Navarrete Linares:

[...] Alvarado Tezozómoc escribió dos obras, la Crónica mexicáyotl y la Crónica Mexicana, donde presentó dos versiones claramente diferentes de la tradición histórica mexicana: la primera estaba escrita en náhuatl y se dirigía a los propios tenochcas herederos de la tradición, mientras que la segunda, escrita en español, estaba dirigida a un público ajeno a ella. [...] Lógicamente, los argumentos históricos, políticos y religiosos de las historias se adaptaban para que sirvieran al objetivo persuasivo propio de la ocasión [...]. (NAVARRETE LINARES, 2011, p. 85).

No entanto, alguns historiadores questionam a verdadeira autoria da *Crónica Mexicáyotl*, supondo que ela tenha sido escrita por Domingo Francisco de San Antón Muñón Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin. Porém, isso não se pode afirmar, o que se tem conhecimento é que o manuscrito pertenceu a Chimalpahin e que provavelmente ele fez adições e correções ao texto de Tezozómoc, o que explicaria certas lacunas e rupturas na *Crónica* e até mesmo uma mudança no estilo textual. Aqui, é importante ressaltar que a noção de autoria no século XVI era diferente da noção existente nos dias atuais, uma vez que era comum esses manuscritos passarem de mão em mão e serem reelaborados. As primeiras cópias do manuscrito da *Crónica Mexicana* datam de 1755, mas foi apenas no século XIX que saíram as primeiras publicações impressas. Um dos manuscritos mais antigos que se tem conhecimento pertence atualmente à Biblioteca do Congresso em Washington, nos Estados Unidos.

No século XVII, tanto a *Crónica Mexicana* quanto a *Crónica Mexicáyotl* pertenciam à Biblioteca de D. Carlos de Sigüenza y Góngora, na Cidade do México. Góngora doou vinte e oito destes volumes aos jesuítas, que passaram a fazer parte da biblioteca do Colégio Máximo de San Pedro y San Pablo. A *Crónica* foi traduzida para alguns idiomas, como o francês e espanhol. Em 1847 ela foi publicada pelo historiador francês Henri Ternaux-Compans, e em 1831 foi reproduzida em espanhol pelo antiquário Lorde Edward King (Visconde Kingsborough) em sua "*Antiquities of México*". Estas e outras edições que se tem conhecimento foram feitas a partir das cópias escritas por Mariano Fernández de Echeverría y Veytia, em 1755.

A versão da *Crónica Mexicana* aqui analisada é a terceira edição publicada em 1998 pela *Universidad Nacional Autónoma de México - Instituto de Investigaciones Históricas*, ela contém 194 páginas e foi traduzida por Adrián León. Essa edição em específico possui três

traduções do mesmo texto, duas em espanhol e uma em náuatle. A *Crónica* está dividida em três partes.

A primeira narra a saída dos povos mexicas de Aztlan, a mítica região dos povos nahuas, em 1069 d.C. Também nesse primeiro momento é narrada a origem dos mexicas e o caminho por eles percorrido até se assentarem no Vale Central Mexicano em 1325. Nessa parte, a narrativa é cercada por elementos religiosos, os próprios mexicas iniciam sua peregrinação a partir da revelação dada pelo sacerdote Huitzilopochtli, segundo o sacerdote, haveria um lugar a eles prometido, terra onde seriam *pipiltin e tlatoque*.

Entonces salieron los chichimecas, los aztecas, de Aztlan, que era su morada, en el año uno-pedernal, "1069 años" [...] El lugar de su morada tiene por nombre Aztlan, y por eso se les nombra aztecas; y tiene por segundo nombre el de Chicomoztoc, y sus nombres son estos de aztecas y mexicanos [...] Los mexicanos salieron de allá del lugar llamado Aztlan, el cual se halla en mitad del agua; de allá partieron para acá los que componían los siete "calpulli". (TEZOZÓMOC, 1998, p. 14-15).

A segunda parte - que se inicia na página 69 da *Crónica* - se concentra mais na narrativa de conquistas e glória dos mexicas, em como se deu esse processo a partir do momento que se fixam no Vale. As guerras, alianças, conquistas territoriais e a construção e manutenção do poderio militar, econômico, cultural e social mexica.

En el año 13-caña, "1427 años", fué cuando se asentó como rey el señor Itzcoatzin, rey de Tenochtitlan, en el día 13-agua del cómputo diario, o sea el "22 de Junio", hijo éste de Acamapichtli; entonces atacó inmediatamente, haciéndoles la guerra, a los tepanecà azcapotzalcà, cuando reinaban Maxtlatzin en Azcapotzalco, Aculnahuacatl Tzacualcatl en Tlacòpan, Acultzin en Culhuàcan y Tecolotzin en Coyoàcan. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 108).

A *Crónica* destaca um grupo em específico dessa sociedade, a elite e a nobreza indígena. Grupo do qual Tezozómoc fazia parte.

El 19º de los hijos de Moteuczoma Xocoyotl, también mujer, llamada Doña Francisca de Moteuczoma, desposóla el señor Don Diego Huanitzin, rey de Tenochtitlan, de que nacieron y provinieron de ellos sus hijos, llamado el 1º Don Felipe Huitzilihuitl, el 2º Doña Ana, el 3º llamado Axayaca, **y el 4º Don Fernando de Alvarado Tezozomoc**. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 157-158, grifo nosso).

A partir da página 148 se inicia a terceira parte da *Crónica*, onde Tezozómoc relata a chegada de Cortés em México-Tenochtitlán e a sucessão da elite indígena após a morte de Moteuczoma Xocoyotl. Tezozómoc narra que: "*En el año 1-caña, "1519 años", fué cuando entrara a Mexico Tenochtitlan "Don Fernando Cortés, Marqués del Valle", en el 10-Quecholli*

del cómputo mensual de los ancianos, o sea el "23 de Noviembre" [...].” (TEZOZÓMOC, 1998, p. 148).

Acima vimos como a *Crónica Mexicana* foi construída e estruturada por seu autor, mas como será que ela é analisada e estudada na historiografia?

Para responder a essa pergunta trago aqui alguns pesquisadores do México pré-hispânico e colonial que se valem da *Crónica Mexicana* como fonte de análise e estudo, e que buscam compreendê-la através de diferentes perspectivas.

Em “*La estética de lo sagrado: Historia, performance y ritual en la Crónica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc*”, Nadia Cervantes analisa a *Crónica* a partir da perspectiva do sagrado, da performance e da representação do sacrifício humano. Para Cervantes (2018, p. 125): Tezozómoc “[...] coloca al mito de Huitzilopochtli y a la institución del sacrificio humano como centro de la narración en la historia del imperio mexicana [...] se observa que el ritual mismo, en concreto el ritual sacrificial, es un elemento esencial en la reconstrucción del pasado”. A autora, assim como nós, também acredita que Tezozómoc escreve sua crônica para “[...] responder al contexto colonial del presente [...]” (CERVANTES, 2018, p. 127).

Diferente de Cervantes, Alejandro Viveros Espinosa escreve o seu trabalho partindo de uma visão filosófica-política, em seu artigo “*En torno a una filosofía política sobre la noción de indio en La Crónica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc*”, O autor analisa a *Crónica Mexicana* a partir da ideia do ser sujeito indígena como uma construção, assim como a ideia de construção da América.. Para ele, esse tipo de análise permitirá: “*la interpretación sobre la noción de indio en México colonial.*” (ESPINOSA, 2017, p. 177). Ao analisar um trecho da crônica, Espinosa enxerga nas palavras de Tezozómoc uma narrativa que constrói a noção do indígena mexicana-tenochca como um conquistador e civilizador.

Como traductor cultural se dedica a registrar los diferentes modos de la vida política y social mexicana-tenochca (tradiciones, costumbres, genealogías), donde despliega motivaciones representativas de su grupo socio-cultural entendido, esta vez, a través de la noción de indio en tanto que mexicana-tenochca, en tanto que conquistador y civilizador. (ESPINOSA, 2017, p. 188).

Neste sentido, também analisamos a crônica a partir da ideia de construção, não apenas do sujeito, mas da própria tradição que há em torno desse sujeito. O artigo “*La historia en la Crónica Mexicana - Los privilegios perdidos Hernando Alvarado Tezozómoc, su tiempo, su nobleza y su Crónica Mexicana*”, foi escrito pelo historiador e etnólogo mexicano José Rubén Romero Galván. O autor analisa, através dos relatos do cronista, principalmente a narrativa a respeito da nobreza indígena, a guerra, e a importância desta para a sociedade mexicana.

Tendo em vista o gênero literário da fonte, que é uma crônica, é importante citar o artigo “*El mundo indígena en crónicas de Nueva España: los casos de Hernando de Alvarado Tezozómoc y Fernando de Alva Ixtlilxóchitl*” de Ingrid Simson. Segundo o autor, as obras de cronistas indígenas e mestiços são importantes, pois elas se distinguem das crônicas espanholas no sentido de que as primeiras estavam interessadas em reconhecer e legitimar a sociedade e a cultura de seus ancestrais. Enquanto os cronistas espanhóis se limitavam apenas a observar e enfatizar aquilo que consideravam diferente e exótico em relação às populações indígenas. Para Simson, ao escrever a *Crónica Mexicana*, Tezozómoc:

[...] basó su autoridad como autor en su origen cultural y social, y legitimó su discurso ostensiblemente según convenciones europeas y españolas. Opta por presentar la historia gloriosa de sus antepasados, los nobles mexicas, para “conservar en la memoria de los hijos y nietos de los mexicanos los grandiosos acontecimientos de la nobleza indígena y de sus descendientes [...]”. (SIMSON, 2019, p. 104).

Nesse sentido, ao escrever sua *Crónica*, Tezozómoc se utilizou do conhecimento que possuía acerca das duas culturas, a europeia e a indígena. Isso torna a *Crónica Mexicana* ainda mais rica, pois ele: “*entrecruza dos sistemas culturales, pues echa mano de las tradiciones discursivas europeas y mesoamericanas*” (SIMSON, 2019, p. 105). Trago aqui outros dois autores que também tem a *Crónica Mexicana* como fonte de pesquisa, são os historiadores brasileiros Pablo Martins Bernardi Coelho e João Luiz Fukunaga. Coelho em sua dissertação de mestrado “A permanência de Tlaxcala frente ao poderio mexica nos séculos XV e XVI” busca através da análise da obra de Tezozómoc e de outro cronista seiscentista: “[...] avaliar a construção da narrativa desses autores em relação ao conflito entre os tlaxcaltecas e mexicas, especialmente no século XV e início do XVI, e a contínua manutenção da autonomia dos primeiros até a chegada de Cortés na América” (COELHO, 2010, p. 07).

Diferentemente deste, Fukunaga em a “*Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)*”, também uma dissertação de mestrado, tem por objetivo analisar e conhecer através da crônica o próprio sujeito que é o Tezozómoc, observando: “[...] as bases sócio-políticas e culturais que formaram este sujeito histórico”. Assim como propõe: “[...] entender que este discurso histórico provém de um grupo social específico na sociedade colonial como também, se fez como um dispositivo de legitimação desse grupo frente às pressões sociais, políticas e econômicas que abalaram seu lugar privilegiado [...]” (FUKUNAGA, 2008, p. 13).

Em seu livro “*Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México: los altépetl y sus historias*”, o historiador mexicano Federico Navarrete Linares faz uso da *Crónica*, dentre

outros cronistas e historiadores indígenas e espanhóis dos séculos XVI e XVII, para: “[...] contar una vez más las historias del origen y fundación de los *altépetl* del valle de México [...]” (LINARES, 2011, p. 12). De acordo com ele:

La manera más directa de acercarnos a las tradiciones históricas indígenas es conocer lo que las propias fuentes nos dicen sobre ellas. Algunas historias escritas por autores indígenas aluden explícitamente en su introducción o exordio a la tradición a la cual pertenecen y dónde se originaron. De estas declaraciones, la más completa y elocuente es la que presenta Fernando Alvarado Tezozómoc al principio de su *Crónica* [...] (LINARES, 2011, p. 43).

No entanto, para a historiadora argentina Clementina Battcock (2017, p. 61), em seu artigo cujo título é “*La Tenochtitlan de Alvarado Tezozomoc*”, o cronista elabora sua narrativa: “[...] a partir de la convivencia de dos tradiciones narrativas: la novohispana y la indígena”. Battcock tem por objetivo analisar a “*dicha estrategia narrativa en torno a la proyección de la memoria prehispánica en los nuevos espacios novohispanos*”. O discurso utilizado por Tezozómoc, segundo a autora, gira em torno dessa “*dicha estrategia narrativa*” que “[...] *enaltece un pasado de gloria, conquista y heroísmo mexicana, y se ocupa de un mismo espacio geográfico: la extinta Tenochtitlan y la Ciudad de México novohispana*”.

Em todos os textos aqui apresentados e em outros mais que foram lidos é possível perceber que Tezozómoc ao narrar sua crônica busca rememorar o passado de glória dos mexicas. Assim como exaltar as conquistas de seu povo e legitimar-se enquanto nobre indígena diante da perda de espaço, poder e privilégios sofridos por essa elite no contexto de colonização da região mesoamericana.

RETOMANDO O PROBLEMA DE PESQUISA E A NOÇÃO DE TRADIÇÃO

O objetivo do presente trabalho é analisar como Tezozómoc narrou a história de seu povo de maneira a construir uma tradição que estivesse em conformidade com o seu lugar social. A partir das leituras e análises da *Crónica* buscamos encontrar marcas do presente de Tezozómoc, tendo em vista que optamos por usar uma formulação específica da noção de tradição. Essa noção proposta por Gérard Lenclud (2013) é interessante no sentido de que analisa a tradição a partir de um outro ponto de vista, ou seja, do presente em direção ao passado. Lenclud realiza em seu artigo uma análise acerca da própria noção de passado, segundo ele:

A tradição do etnólogo inscreve-se em uma representação cultural, isto é, convencional (de forma alguma evidente), do tempo e da história: a

representação de um tempo linear, de uma história em que o passado é pensado como estando atrás de nós e sempre subsumindo-se em um presente novo. (LENCLUD, 2013, p. 150).

De acordo com o autor, "A experiência do passado se faz no presente; no lugar de um corte entre passado e presente, o passado é visto como incessantemente reincorporado ao presente; o presente é como uma repetição (e não, excepcionalmente, como um gaguejamento)." (LENCLUD, 2013, p. 150). Percebemos então que o passado é construído a partir do presente, e que não há uma ruptura temporal entre esses dois tempos, mas sim uma continuidade.

Ainda no que se refere a "tradição", Hobsbawm (1984, p. 10) afirma que: "O objetivo e a característica das 'tradições', inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição". Debater a noção de tradição a partir da perspectiva destes autores, é debater uma tradição que se molda a partir do presente de quem as define. A própria tradição em si deve ser questionada, sendo assim:

A realização de uma tradição não é jamais a cópia idêntica de um modelo; modelo contra o qual, de resto, tudo conspira para que não possa existir [...] Em resumo, a tradição, supostamente tomada como conservação, manifesta uma singular capacidade de variação: possibilita uma impressionante margem de manobra para aqueles que se servem dela (ou a manipulam). (LENCLUD, 2013, p. 153).

Federico Navarrete Linares (2011) adverte que, para abordar o discurso das fontes indígenas, é necessário analisar as tradições históricas indígenas da mesma forma que analisaríamos a nossa, sem desconsiderar seus argumentos ideológicos, expondo e criticando seus conceitos políticos e suas "*intenciones legitimadoras*".

[...] al tratar con las tradiciones históricas indígenas nos encontraremos en el mundo gris de las visiones parciales, de las verdades negociadas y de las manipulaciones ideológicas: el mismo mundo en que nos movemos al contar y criticar los discursos oficiales sobre la historia de nuestras entidades políticas. (NAVARRETE LINARES, 2011, p. 23).

A CRÓNICA MEXICANA E A CONSTRUÇÃO DE UMA TRADIÇÃO

A partir do que já foi exposto, a crônica foi analisada tendo como base o problema e a reflexão teórica proposta acima. A *Crónica Mexicana* narra desde a saída dos mexicas de Aztlan até a chegada dos europeus na Mesoamérica, o que compreende um período de 500 anos. Tezozómoc inicia sua narrativa no ano 1069 d. C., e a finaliza no ano de 1578. Apesar de a

crônica abranger um período de tempo tão longo, ela sintetiza toda a narrativa em três períodos: 1) saída de Aztlan; 2) fundação de México-Tenochtitlán e 3) chegada dos europeus. Com isso, privilegia principalmente a narrativa que cerca a elite mexicana.

Tezozómoc esmiúça o princípio e a origem da grande população de México-Tenochtitlán, os anos percorridos, os trajetos realizados, os conflitos internos e externos, e o surgimento e a manutenção de uma potência política e militar. Neste sentido, ele introduz sua *Crónica* discursando ao leitor e evidenciando esses aspectos:

Hela aquí, que aquí comienza, se verá, está asentada por escrito la bonísima, veracísima relación de su renombre; el relato e historia del origen y fundamento, de cómo empezó y principió la gran ciudad de México Tenochtitlan, que está adentro del agua, en el tular, en el carrizal, y se la llama el tular, el carrizal del ventarrón, la que se constituyera en cabecera de todos y cada uno de los poblados de todas partes de esta reciente Nueva España; según lo dijieran y asentaran en su relato, y nos lo dibujaran en sus "pergaminos" los que eran viejos y viejas, nuestros abuelos y abuelas, bisabuelos y bisabuelas, nuestros tatarabuelos, nuestros antepasados; aconteció que nos dejaron dicha relación admonitiva, nos la legaron a quienes ahora vivimos, a quienes de ellos procedemos, y nunca se perderá ni olvidará lo que hicieran, lo que asentaran en sus escritos y pinturas, su fama, y el renombre y recuerdo que de ellos hay, en los tiempos venideros jamás se perderá ni olvidará; siempre lo guardaremos nosotros, los que somos hijos, nietos, hermanos menores, biznietos, tataranietos, descendientes, sangre y color suyos; lo dirán y lo nombrarán quienes vivan y nazcan, los hijos de los mexicanos, los hijos de los tenochcas. Fué Tenochtitlan la que guardó esta relación de cuando reinaran todos los grandes, los amados ancianos, los señores y reyes de los tenochcas. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 04-05).

O autor da crônica se revela como herdeiro dessa tradição que foi deixada a ele pelos seus antepassados “*abuelos y abuelas, bisabuelos y bisabuelas*”, com o objetivo de que “*en los tiempos venideros jamás se perderá ni olvidará; siempre lo guardaremos nosotros, los que somos hijos, nietos*”. O cronista não deixa de enfatizar que sua obra narra não somente o princípio da história da “*gran ciudad de México Tenochtitlan*”, mas narra sobretudo a história da origem dos nobres indígenas mexicanos.

Em determinados momentos, Tezozómoc faz alusão aos seus nobres antepassados e deixa claro um aspecto de seu presente colonial, a evangelização cristã.

Y al redactar este libro ya dijimos arriba que somos muy muchos los nobles a quienes entonces se nos honró y se nos hizo merecer con primacía sobre todos cuando llegó el espíritu, el verbo y la luz de nuestro verdadero señor Jesucristo, hijo verdadero de Dios. Ved bien que aquí concluye la relación de los ancianos nobles quienes primeramente fueron cristianos, fueron catequizados. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 06).

É interessante observar como ele se funde com a história contada, apesar de estar escrevendo sua crônica quase um século após a conquista espanhola, ele se integra na narrativa ao utilizar o verbo no presente do indicativo “somos”. Sendo assim, ele e os outros muitos nobres foram honrados e merecedores de prioridade sobre todos quando receberam “*el espíritu, el verbo y la luz de nuestro verdadero señor Jesucristo, hijo verdadero de Dios*”. Tendo pertencido a duas sociedades - a espanhola e a mexica - e tendo conhecimento sobre ambas, Tezozómoc lança mão da religião mexica e cristã para fundamentar e fortalecer a teoria de povo escolhido.

A narrativa - principalmente na primeira parte da crônica - gira em torno do deus Huitzilopochtli, que ordena a saída dos mexicas de Aztlan e profetiza o futuro deles como soberanos sobre os outros povos da região. Para Nadia Cervantes (2018, p. 125), que analisa a *Crónica* sob a perspectiva do sagrado, Tezozómoc “[...] coloca al mito de Huitzilopochtli y a la institución del sacrificio humano como centro de la narración en la historia del imperio mexica [...]”. Como podemos observar na citação abaixo:

[...] díjoles Huitzilopochtli: “¡Oh, padres míos!, esperad aún por aquello que ha de hacerse, pues lo veréis, pero esperadlo todavía, que yo lo sé; esforzaos, atreveos, reforzaos, arreglaos, ya que no es aquí donde estaremos, sino que aún más allá están a quienes cautivaremos, a quienes regiremos [...]”. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 39).

Nessa passagem da crônica os mexicas já estão há quase 100 anos peregrinando pela região mesoamericana, após saírem de Aztlan. No trecho em específico eles se encontravam na cidade de *Chapultepec*, localizada na atual Cidade do México. Por isso o deus Huitzilopochtli ordena aos *teomamas* (responsáveis por carregar o deus/ divindade) a terem paciência e esperar o que deve ser feito, e eles verão. Ordena ainda para que se esforcem, se fortaleçam e se preparem, pois não é em Chapultepec que eles se assentarão, mas que além estão aqueles que serão cativos e governados por eles.

Para reforçar o seu status social e a sua posição de herdeiro da nobreza indígena mexica, o nosso autor faz diversas referências a si mesmo enquanto descendente dessa tradição. Isso converge com o pensamento de Lenclud, que nos diz que: “A utilidade principal de uma tradição é oferecer a todos aqueles que a enunciam e a reproduzem no dia-a-dia o meio de afirmar sua diferença e, por isso mesmo, de assentar sua autoridade” (LENCLUD, 2013, p. 158). No trecho a seguir, é interessante notar a frase “*Y hoy en el año de 1609, yo mismo [...] que soy nieto de la persona que fuera el gran rey Moteuczoma [...]*”. Nesta frase, a afirmação “e hoje” (*y hoy*) remete ao tempo presente do interlocutor, enquanto o próprio se anuncia como

neto da grande pessoa que fora o grande rei *Moteuczoma*, mais uma vez Tezozómoc constrói uma ponte que o liga diretamente a uma determinada herança social:

Y hoy en el año de 1609, yo mismo, Don Hernando de Alvarado Tezozomoc, que soy nieto de la persona que fuera el gran rey Moteuczoma el menor, quien gobernara y rigiera la gran población de México Tenochtitlan, y que provine de su apreciada hija, de la persona de la princesa, mi amadísimas madre, Doña Francisca de Moteuczoma, cuyo cónyuge fuera la persona de Don Diego de Alvarado [Huanítzin, padre mío preciadísimo, noble; son ellos quienes me engendraron y en toda verdad soy hijo suyo yo quien aquí me nombro; precisamente yo mismo certifico y doy fe, en este mencionado año, de esta antigua herencia [...]. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 07).

Ao analisar a crônica é possível perceber como o cronista indígena enfatiza a veracidade dos fatos narrados em sua *Crónica*, “[...] lo que ellos dijieran y asentaran en sus escrituras ocurrió todo, es todo verdad, no es mentira, no lo inventaron ni fingieron así nada más al asentarlo.” (TEZOZÓMOC, 1998, p. 07-08). É importante destacar que a primeira versão da *Crónica Mexicana* de 1598 escrita em castelhano, e a segunda versão, a *Crónica Mexicáyotl* de 1609 escrita em náuatle, tinham um público alvo específico, ou seja, os espanhóis letrados e os nobres indígenas mexicas falantes do náuatle. Por isso, tendo em vista que analisamos a obra partindo do pressuposto de que Tezozómoc busca se legitimar enquanto nobre e herdeiro de uma tradição, não é incomum que ele ressalte com certa frequência a autenticidade dos fatos ali narrados.

Para alguns pensadores contemporâneos, como Hobsbawm e Lenclud que estudam a tradição, esta não é algo objetivo que revela e/ou expressa exatamente o que aconteceu em um tempo passado, mas sim uma invenção, ou uma manipulação que parte de seus contemporâneos. Sendo assim, segundo Lenclud: “[...] a tradição, supostamente tomada como conservação, manifesta uma singular capacidade de variação: possibilita uma impressionante margem de manobra para aqueles que se servem dela (ou a manipulam)” (LENCLUD, 2013, p. 153). Ainda neste sentido, a respeito das tradições “inventadas”, Hobsbawm argumenta que:

[...] espera-se que ela ocorra com mais frequência: quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. (HOBSBAWM, 1984, p. 12).

Ao analisar essa citação é possível ver como ela se encaixa com o nosso caso em particular, Tezozómoc recorre a uma tradição supostamente antiga, deixada pelos anciãos fundadores de México-Tenochtitlán, para justamente se afirmar enquanto descendente dessa

mesma tradição já em decadência devido ao rápido processo de colonização espanhola. Ao se afirmar, ele não apenas sinaliza que é herdeiro dessa tradição, mas que de certa forma é também detentor de direitos e privilégios delegados a ele por sua posição social, que assim como a própria tradição também estava em decadência.

Ao analisar a crônica sob a perspectiva de um presente que anda em direção a um passado é possível perceber alguns elementos importantes utilizados pelo autor na escrita de sua *Crónica Mexicana*. As marcações geográficas refletem sobre a narrativa da crônica essa característica, e embasam a hipótese apresentada. Na seguinte citação, o autor concentra a sua narrativa a fim de especificar o lugar de onde partiram os mexicas, também chamados de teochichimecas e astecas, assim como os aspectos físicos e geográficos desse lugar. Nela, também é possível perceber, através da proposta desse trabalho, como Tezozómoc faz uso das marcações geográficas “*aquí*” e “*acá*”:

[...] de allá del mencionado lugar llamado Quinehuayan, la cueva, Chicomoztoc, fué de donde salieron los siete "calpulli" de los mexicanos. Cuando salieron de allá, del mencionado Quinehuayan, Chicomoztoc, quienes se nombraban teochichimecas, aztecas, mexicanos, traían lo que era su depósito, su bulto, al cual adoraban, oían hablar, y le respondían los aztecas, aun cuando no veían cómo les llamaba. Y allá en Quinehuayan se llama Chicomoztoc la roca, que tiene por siete partes agujeros, cuevas adjuntas al cerro empinado; y de allá es de donde salieron los mexicanos, quienes trajeron a sus mujeres, cuando salieron de Chicomoztoc por parejas; era aquél un lugar espantoso, puesto que allí predominaban las innumerables fieras ahí establecidas: osos, tigres, pumas, serpientes; y está repleto de espinos, de magueyes dulces, de pastales, Chicomoztoc; siendo así que está muy lejos, nadie sabía después todavía en qué parte estaba; así dijeron quienes de allá vinieran **acá**, los que se denominaban teochichimecas, ya que cuando de allá se apartaron partieron hacia **aquí** [...]. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 16-17, grifo nosso).

A passagem mencionada se encontra no primeiro capítulo da *Crónica*, e faz referência ao momento de partida dos mexicas de seu lugar de origem. Nela, os sete “*calpulli*” dos mexicanos saíram de Quinehuayan Chicomoztoc (também conhecida como Aztlan), que segundo o relato era um lugar assustador, cheio de espinhos e animais ferozes, como ursos, tigres e cobras. Ao partirem, levaram consigo o seu depósito de adoração e as suas mulheres. Não se sabe com precisão a localização de Aztlan. De acordo com o autor e segundo os relatos dos antigos anciãos em que ele se baseia, Aztlan era um lugar tão distante que ninguém soube depois onde ela se encontrava. No entanto, o que importa para nós, sobretudo, é observar qual o significado que o emprego das marcações “*aquí*” e “*acá*” exercem sobre a crônica.

As palavras “*aquí*” e “*acá*”, como já dito, expressam uma marcação geográfica. Neste sentido, elas não foram usadas apenas para designar um lugar específico, mas também para

fazer referência e remeter ao lugar geográfico de quem as fala em seu tempo presente. Ou seja, Tezozómoc ao fazer uso desses advérbios, faz referência a própria cidade - Tenochtitlán no caso - onde ele mesmo se encontra naquele tempo presente, sendo também a cidade a qual ele se refere no tempo passado. Ao fazer isso o autor cria uma conexão, mesmo que quase imperceptível, entre esses dois tempos. A Tenochtitlán do passado, morada profetizada ao seu povo, e a Tenochtitlán do presente, morada sua por direito, herdada de seus antepassados.

Um outro elemento do presente de Tezozómoc que podemos perceber em sua crônica, e que exerce a mesma função do exemplo anterior é a marcação de tempo “*ahora*” (agora). Há um momento na crônica onde o cronista narra o assentamento dos mexicas nos “quatro cantos da terra” em que ele faz vários usos dessa marcação:

[...] es manifiesto que tan sólo por cuatro sitios les estableceréis: en "Moyotlan" -que **ahora** se llama San Juan-. en "Teopan" -que **ahora** se llama San Pablo-, en "Tzacualco" -que **ahora** se llama San Sebastián-, y en "Cuepopan" " -que **ahora** se llama Santa María la Redonda. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 74-75, grifo nosso)

Esta citação faz referência à ordem dada pelo deus Huitzilopochtli para que se assentasse e fundasse senhorios nos quatro âmbitos da terra, por isso quatro sítios foram estabelecidos. Essa marcação aparece em diversos momentos da crônica e em diferentes contextos, às vezes ela se refere a um acontecimento, outras vezes para designar um lugar como no trecho citado. De qualquer forma, assim como a marcação geográfica “*aquí*” e “*acá*”, o advérbio de tempo “*ahora*” também cria uma relação e conexão entre o presente e o passado do nosso autor.

Conforme a narrativa se estende o autor passa a privilegiar os aspectos cronológicos e genealógicos que se tornam muito mais presentes na obra. Tezozómoc não narra apenas a descendência dos nobres indígenas mexicas, mas também a de seus vizinhos, assim como as relações estabelecidas entre eles, os acordos e as alianças políticas e matrimoniais. Na passagem a seguir, Tezozómoc narra os nomes dos sete filhos de Chimalpopoca, terceiro governante de Tenochtitlán, assassinado no ano de 1426 pelos tepanecas tlacòpanecas:

El 1º se llamó Xihuitl-Temoc; éste reinó en Tenochtitlan, en cuanto hubo muerto su padre, mas solamente reinó por 60 días, y murió luego. El 2º de los hijos de Chimalpopoca se llamó Miquitzin. El 3º se llamó Maxihuitzin, y era rey, aun cuando no se sabe bien dónde reinó. El 4º se llamó Tezcatlpopocatzin. El 5º se llamó Quetzalcuauhtzitzimitzin. El 6º se llamó Ixcuinantzin. El 7º fué mujer; no se sabe bien el nombre de esta princesa [...]. (TEZOZÓMOC, 1998, p. 104-105).

A *Crónica Mexicana* é repleta de trechos como o citado, o cronista lista desde Acamapichtli, primeiro governante mexica de Tenochtitlán no ano de 1367, até o último que foi o “*juez gobernador*” Don Antonio Valeriano no ano de 1573. Sabemos que todo o interesse

que há em descobrir ou definir uma árvore genealógica parte da demanda de quem está no presente, estabelecendo assim uma conexão entre o seu presente e seu passado. Tezozómoc, ao listar todos os seus nobres antepassados que vão desde Acamapichtli até ele mesmo, acaba mais uma vez por afirmar sua própria herança e descendência. Ele não escreve apenas uma história de origem, que vai do século XII até às vésperas do seu tempo, Tezozómoc constrói e narra uma história acima de tudo, de linhagens.

Através de determinados elementos, como os demonstrados aqui, podemos perceber os reflexos do presente de Tezozómoc em sua *Crónica Mexicana*. Seu relato não demonstra apenas o princípio, a origem e a fundação de uma cidade ou de um povo. Segundo argumentamos, o autor constrói, nas entrelinhas de sua narrativa, uma tradição ao descrever a história do povo mexica e da elite à qual ele próprio pertence. Portanto, ao legitimar a história dessa nobreza, legitima-se a si mesmo, isto é, ao legitimar o seu passado, legitima também o seu presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar como Fernando Alvarado Tezozómoc, um nobre indígena da elite mexica, narrou sua *Crónica Mexicana* escrita em finais do século XVI e início do XVII, de forma a construir uma tradição que estivesse em concordância com o seu lugar social. Principalmente devido ao contexto histórico em que ele se encontrava, de colonização e perda de privilégios. Ao analisar a fonte com o intuito de enxergar uma “tradição” sendo construída, utilizamos uma formulação específica desse conceito. Para tanto, a reflexão teórica acerca da noção de tradição partiu daquela proposta pelo antropólogo Gérard Lenclud (2013), onde ele sugere analisar a tradição sobre um outro ponto de vista. Costumamos olhar para ela (a tradição) como algo natural, que existe por si só, ou como algo/ uma ação que adquiriu um “caráter” de tradição pela permanência no tempo dentro de uma determinada sociedade, sendo assim, ela é algo que chega até nós, que vem do passado em direção ao presente, uma linha reta e contínua.

No entanto, a proposta de Lenclud é justamente fazer o movimento contrário a este, ou seja, observar a tradição partindo do presente em direção ao passado, sendo ela uma construção realizada por nossos contemporâneos cujos objetivos e interesses vem de demandas do seu tempo presente. Olhar para a fonte através da perspectiva proposta é importante no sentido em que nos permite realizar reflexões acerca das concepções de passado, presente e tradição. O estudo aqui apresentado mostra que existem outras formas de se pensar o tempo. Algumas

sociedades de culturas diferentes da nossa pensam o seu tempo e a sua história não de forma linear, mas cíclica. Não consideram o passado/ presente como uma ruptura, mas veem o passado como algo que é constantemente reincorporado ao presente, gerando assim uma repetição ou continuidade.

São vários os elementos utilizados pelo autor que demonstram as marcas de seu presente na escrita de sua *Crónica Mexicana*, além de que foi possível percebê-los do começo ao fim da fonte. Primeiramente é importante ressaltar que Tezozómoc sempre se coloca como herdeiro dessa tradição, que foi deixada a ele através de seus nobres antepassados. Enfatiza que a história ali narrada não conta apenas como principiou o surgimento da cidade de México-Tenochtitlán, mas narra principalmente a história da origem da elite indígena mexicana. Esse aspecto está em sintonia com nosso argumento, segundo o qual o cronista buscou construir uma tradição, pois, ao fazer isso, Tezozómoc elabora uma narrativa que privilegia o período de surgimento e glória de seus antepassados e se legitima como descendente desse povo e herdeiro dessa tradição. Aqui, é importante ter em mente o momento de escrita da crônica e para quem ela estava sendo escrita, vale lembrar que o autor estava inserido em uma sociedade que estava passando por mudanças estruturais em todos os seus aspectos culturais, sociais e políticos. A crônica foi escrita para um público alvo específico. Quem deveria lê-la eram justamente aqueles que tinham poder para aumentar ou diminuir o status social do nosso cronista indígena.

Também foi possível perceber que Tezozómoc em muitos momentos se funde com a história contada, incluindo-se na narrativa ao utilizar o pronome pessoal “*nosotros*” ou o verbo no presente do indicativo “*somos*”, por exemplo. Isso gera uma aproximação temporal entre o presente dele e o passado narrado. É interessante enfatizar esse aspecto, pois a maior parte da história relatada na *Crónica* possui uma distância de 500 anos em relação ao período em que ela está sendo escrita. Ao proceder dessa maneira, o autor se integra na história, criando uma continuidade e não uma ruptura entre esses dois tempos, apesar de tão distantes um do outro. As marcações geográficas “*aquí*” e “*acá*”, e a marcação temporal “*ahora*” são dois principais elementos que remetem ao tempo presente do nosso autor. No caso da marcação geográfica ela não apenas designa um lugar como também faz referência ao lugar, no tempo presente, de quem as usa.

Assim como no exemplo anterior, o advérbio de tempo “*ahora*” também cria uma conexão que liga o presente e o passado de nosso interlocutor, pois ao mencionar um acontecimento ou informar uma localidade, o autor sente a necessidade de relacionar aquele

fato ou lugar com o “agora” dele, ou seja, o seu tempo presente. Como já mencionado no início desse trabalho, a *Crónica Mexicana* gira em torno de um personagem principal, a elite e a nobreza mexicana, dessa forma a segunda parte da crônica se concentra principalmente em narrar as linhagens dos nobres indígenas mexicanos. O autor opta por privilegiar uma narrativa rica em elementos cronológicos e genealógicos, onde ele lista páginas e páginas de linhagens e sucessões hereditárias dentro do governo indígena, bem como a de seus vizinhos e aliados. Tezozómoc constrói a sua árvore genealógica, listando todos os seus antepassados até chegar a ele mesmo.

Para concluir, a fonte estudada é rica em detalhes e pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas. Escolhemos analisá-la a partir da noção de tradição, mas de uma tradição cuja construção possui interesses que partem do presente. A partir dos elementos aqui apresentados foi possível enxergar através da narrativa de Tezozómoc os vestígios de seu tempo na construção de uma tradição. O autor, ao relatar uma história tão distante da de seu tempo, como a origem da sociedade mexicana, lança mão de recursos que conectam e integram a narrativa do tempo passado com o seu tempo presente. Para nós, Tezozómoc ao escrever a sua *Crónica Mexicana*, a fez segundo os seus interesses políticos e sociais que partiram de demandas de seu presente. A sua obra é uma das fontes indígenas mais importantes para estudar e compreender a sociedade mexicana pré-hispânica e nos possibilita reflexões acerca do impacto e das consequências que o processo de colonização espanhola exerceu sobre as sociedades indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE BELTRÁN, G. *Obra Antropológica IV, Formas de Gobierno Indígena*. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

ARANDA ROMERO, José L. *Ángel Rosenblat y la población novohispana siglos XVI-XVII*. Puebla: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2005. p. 07-65.

ASSADOURIAN, Carlos Sempat. La despoblación Indígena en Perú y Nueva España durante el siglo XVI y la formación de la economía colonial. *HMex*, México, v. XXXVIII, n. 3, p. 419-453, 1989.

BATTCKOCK, Clementina. La Tenochtitlan de Alvarado Tezozomoc. *Telar*, Cidade do México, n. 18, p. 61-77, 2017.

BENNASSAR, Bartolomé. Los indios americanos. In:____. *La América española y la América portuguesa, siglos XVI - XVII*. 4 ed. Madrid: Ediciones Akal, 2001. p. 07-46.

CERVANTES. Nadia. La estética de lo sagrado: Historia, performance y ritual en la Crónica mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc. *Revista de Estudios Hispánicos*, Tomo 52, n. 1, p. 123-145, 2018.

COELHO, Pablo M. B. *A permanência de Tlaxcala frente ao poderio mexica nos séculos XV e XVI*. 2010. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de História, Direito e Serviço Social – UNESP, Franca, 2010.

CORTÉS, Hernán - *Cartas de Relación*. 3 ed., México, Porrúa, 1967. p. 51-54.

CORTÉS, Rocío. El misterio de los capítulos perdidos de la Crónica mexicana de Hernando de Alvarado Tezozomoc. *Colonial Latin American Review*, v. 12, n. 2, p. 149-167, 2003.

ESGUERRA, J. C.; FERNANDES, L. E.; MARTINS, M. C. “Introdução: As Américas na Primeira Modernidade” . In: ESGUERRA, J. C.; FERNANDES, L. E.; MARTINS, M. C. (Org[s].), *As Américas na Primeira Modernidade (1492-1750)*. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p. 13-46.

ESPINOSA, Alejandro V. En torno a una filosofía política sobre la noción de indio en la Crónica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc. *Universum*, v. 32, n. 1, p. 175-192, 2017.

FERNANDES, L. E. O.; REIS, A. R. A crônica como gênero de documento histórico. *Ideias*, v. 13, n. 2, p. 25-41, 2006.

FUKUNAGA, João L. *Crônica Mexicana de Hernando Alvarado Tezozómoc e as redes de inteligibilidade da memória (1538-1598)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Estudos Pós Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

GALVÁN, José Rubén Romero. *Los privilegios perdidos: Hernando Alvarado Tezozómoc, su tiempo, su nobleza, y su crónica mexicana*. México, DF: Ed. UNAM : Instituto de Investigaciones Históricas, 2003.

GARAVAGLIA, J. C.; MARCHENA, J. *América Latina de los orígenes a la independencia: I. América precolombina y la consolidación del espacio colonial*. Barcelona: Crítica, 2005.

GIBSON, Charles. *Los Aztecas bajo el dominio español (1519-1810)*. México: Siglo XXI editores, s.a. 1967.

GONZALBO, Pablo E. et al. El México antiguo. In: _____. *Nueva historia mínima de México ilustrada*. México: El colegio de México, 2008. p. 21-109.

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. A tradição como pedra de toque da etnicidade. *Anuário Antropológico/96*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, v. 21, n. 1, p. 113-125, 1997.

GRUZINSKI, Serge. História dos índios na América: abordagens interdisciplinares e comparativas. Entrevista concedida a Maria Regina Celestino de Almeida. *Tempo*, Niterói, v.12, n. 23, p.196-198, 2007.

GRUZINSKI, Serge. O Renascimento ameríndio. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A outra margem do ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 283-298.

HOBSBAWM, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições” . In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T (Org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 09-23.

KRUELL, Gabriel K. La Crónica mexicáyotl: versiones coloniales de una tradición histórica mexica tenochca. *Estudios de Cultura Náhuatl* 45, enero-junio, p. 197-232, 2013.

LENCLUD, Gérard. A tradição não é mais o que era: sobre as noções de tradição e de sociedade tradicional em etnologia. *história, histórias*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 148-163, 2013.

NAVARRETE LINARES, Federico. ¿Dónde queda el pasado? Reflexiones sobre los cronotopos históricos. In: PORTILLA, Miguel L. [et al.], Org. *El historiador frente a la historia: el tiempo en Mesoamérica*. México: UNAM, 2004. p. 29-52.

NAVARRETE LINARES, Federico. *Los orígenes de los pueblos indígenas del valle de México*. Los altépetl y sus historias. 1 ed. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 2011.

LOCKHART, J. *Los nahuas después de la conquista: Historia social y cultural de los indios del México central, del siglo XVI al XVIII*. México: FCE, 1999.

MENEGUS, Margarita. *Los indios en la historia de México. Siglos XVI al XIX: balance y perspectivas*. México: FCE, CIDE, 2006.

PORTILLA, Miguel L. *A Conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas*. Petrópolis, Vozes, 1987.

- PORTILLA, Miguel L. A mesoamérica antes de 1519. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina. América Latina Colonial*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2004. p. 25-61.
- RAMINELLI, Ronald. Nobreza indígena da Nova Espanha. Alianças e conquistas. *Tempo*, Niterói, v.14, n. 27, p.83-96, 2009.
- REIS, Anderson R. À sombra da ordem: vagabundos, andarilhos e outros malandros no México colonial, 2019 (Projeto de Pesquisa).
- RESTALL, M. *Los siete mitos de la conquista española*. Barcelona: Paidós, 2004.
- SANTOS, dos E. Construir a história dos povos ameríndios com as fontes coloniais de matriz europeia. In: KARNAL, Leandro [et al.], Org. *Cronistas do Caribe*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2012. p. 19-46.
- SANTOS, dos E. Da importância de pesquisarmos história dos povos indígenas nas universidades públicas e de a ensinarmos no ensino médio e fundamental. *mneme - revista de humanidades*, Caicó, v. 15, n. 35, p. 09-20, 2014.
- SANTOS, dos E. *Deuses do México Indígena*. Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas. São Paulo: Palas Athena, 2002.
- SANTOS, Myrian S. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, p.121-150, 2002.
- SCHWARTZ, S. B.; LOCKHART, J. *América Latina na época colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- SIMSON, Ingrid. El mundo indígena en crónicas de Nueva España: los casos de Hernando de Alvarado Tezozómoc y Fernando de Alva Ixtlilxóchitl. *Romance notes*, v. 59, n. 01, p. 99-111, 2019.
- SOUSTELLE, Jacques. *A civilização asteca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- SOUZA, Juliana B. A. Las Casas, Alonso de Sandoval e a defesa da escravidão negra. *Topoi*, v. 7, n. 12, p. 25-59, 2006.
- TEZOZÓMOC, Fernando Alvarado. *Crónica Mexicáyotl*. 3 ed. Cidade do México: UNAM, Instituto de Investigaciones Históricas, 1998.
- VIVEROS, A. El sabotaje como intuición filosófica: Una perspectiva hermenéutica desde América colonial. *Mutatis Mutandis*, v. 5, n. 2, p. 334-369, 2012.
- WACHTEL, Nathan. Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina. A América Latina Colonial I*. São Paulo: Edusp, 1997. p. 195-239.
- WILLIAMSON, Edwin. *História da América Latina*. Lisboa: Edições 70, 2012.